

# MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

20 Anos do Projeto Esporte Talento (PET)

## Uma vida de simplicidade

História de [Marcos Vinicius Moura e Silva](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 17/09/2015

---

P1 – Marcos, pra começar, eu queria que você falasse pra mim seu nome completo, data e local de nascimento.

R – Ok. Meu nome é Marcos Vinicius Moura e Silva, eu nasci em São Paulo no dia 20 de março de 1971, às 20 horas e 20 minutos.

P1 – Qual o nome dos seus pais?

R – Dorival Rodrigues Silva e Priscila de Carvalho Moura e Silva.

P1 – Você sabe de onde eles são, um pouquinho a história da sua família?

R – Um pouco. O meu pai é aqui de São Paulo mesmo, tem uma descendência de... bisavós de... Portugal, espanhol. Minha mãe nasceu em Itapeva e depois mudou e morou muito tempo em Itapi, uma cidade do interior a umas duas horas aqui de São Paulo.

P1 – Você sabe como eles se conheceram?

R – No trabalho. Os dois trabalhavam no posto do que hoje é o INSS, né, trabalhavam num posto na Mooca, na Celso Garcia e lá que eles se conheceram.

P1 – Descreve pra mim um pouquinho o seu pai e a sua mãe.

R – Meu pai ele faleceu faz quatro anos. Assim, ele é um perfil mais antigo, mais conservador, mais tradicional, é uma pessoa que trabalhou a vida toda pela família, honesto, mas por outro lado naquela rigidez maior, disciplina, tal. E tem momentos legais da infância, mas depois de um tempo aquela coisa mais da família tradicional, né, o pai cuidando do sustento da família, a mãe em casa com quatro filhos, três dela e um filho, um dos meus irmãos só por parte de pai. E a minha mãe mais em casa, ela se formou no interior no magistério, também aquela carreira que a mulher era possível, né. Depois ela deixou de lado, veio pra São Paulo, trabalhou. Aí teve o meu irmão, parou de trabalhar e foi ser a profissão dona de casa, né, enfim.

P1 – E como é que é você nessa escadinha de irmãos? É o mais velho, mais novo.

R – Nao, então, daí então tem o meu irmão por parte de pai, é o Luis o mais velho. Daí tem o Silvio, depois sou eu e depois o caçula. Eu fiquei no meio (risos), nem o mais velho e nem o mais novo, fiquei espremido lá.

P1 – Marcos, descreve pra mim, você teve contato com os seus avós?

R – Tive mais com as minhas avós. O meu avô materno já tinha falecido quando eu nasci, o meu avô paterno com dois anos, então eu não tenho lembranças, com dois anos ele já tinha falecido. Daí mais com as minhas avós, a minha avó materna morava no interior, então nas férias, até os dez anos mais ou menos, eu ia pra lá, no meio do ano e no final do ano, ficava lá. E minha avó paterna morava aqui em São Paulo mesmo, então a gente tinha contato mais cotidiano.

P1 – E como é que era a casa onde você cresceu?

R – Legal. Eu nasci, morava num apartamento na avenida Paes de Barros, ainda me lembro. Depois... eu tenho alguma lembrança, depois eu morei um tempo num apartamento lá perto do Paraíso, no viaduto João Julião, que dá acesso à Beneficência Portuguesa. Tenho algumas lembranças, até os seis, sete anos. Era um apartamento no primeiro andar, então tinha uma área de quintal, o prédio tinha uma área de quintal, que era o único que tinha; e tinha uma tela porque os outros todos... caía coisa, tinha vizinha que jogava bala, daí a bala prendia e você cutucava pra bala cair. Eu lembro andando de velotrol, essas coisas, tal, tenho umas lembranças. Depois, com sete anos a gente mudou pra uma casa no Alto da Mooca, aí moramos lá por 17 anos. Depois moramos numa casa próxima, numa outra rua. Agora eu estou morando na mesma casa que é essa daí que eu passei dos sete aos 24, 25 anos, aí, então voltei pra essa casa agora, há cinco anos.

P1 – Fala pra mim quais eram as brincadeiras de criança.

R – É, assim, além dos passeios, dos espaços, até uns 10, 12 anos a gente ia muito no Ibirapuera, num clube de campo lá da associação dos funcionários públicos do estado de São Paulo que é lá em Interlagos, também é um lugar bacana, depois na praia, tal. E em casa tinha, tem, né, aonde eu to ainda, tem dois quintais então a gente aproveitava bastante pra jogar bola. Naquele tempo... eu não vou falar agora, mas tinha... era um pouquinho inclinado, tinha uma descidinha, então, em alguns momentos, no verão, ligava a torneira e fazia aquele deslizamento (risos). Hoje não pode, meu filho já não pode mais isso. Então, isso e a gente brincava muito de Playmobil, tinha Playmobil, então... botão, às vezes dava umas brigas, os botões pá... os jogadores literalmente amassados, mas sobreviviam. Então a gente... ficava brincando muito mas acho que já era uma geração que a televisão também teve um impacto grande, então eu lembro de bastante coisa, assim, desenho, as séries de faroeste, tal.

P1 – Que mais que você gostava de ver?

R – Ah, tem umas boas, tem o James West, Laredo, umas coisas... Bonanza, que é a mais clássica, gostava um pouco. Chaparral, aquelas coisas.

P1 – E como é que era essa casa cheia de meninos? Vocês brincavam ou brigavam?

R – Um pouco de tudo, né, aí não tem jeito, então eu tenho até um corte na cabeça ainda de uma vassourada que me deu, eu entrei no banheiro e meu irmão 'tá', ele tava passando, deu. Então tem tudo, a gente brincava bastante mas também... normal, né, três irmãos e uma distância de dois anos pra cada um.

P1 – E como é que era o Marcos na escola? Tem alguma lembrança de escola?

R – Eu estudei até a quarta série em escola particular, depois estudei em escola pública, o ginásio de quinta a oitava. Depois eu fiz o ensino médio na Escola Técnica Federal de São Paulo. Assim, pros padrões eu era um bom aluno, até lembro de momentos de todas... a gente tem um pouco... o meu irmão mais velho também fez um pouco esse mesmo caminho, então tinha essa de superar. Em termos quantitativos eu superei, então eu acho que na terceira série o boletim lá, só dez de cabo a rabo. Por outro lado, analisando por hoje a gente vem muito de uma educação de você decorar, entender um pouco as coisas, mas tinha muito o decorar, né. Então hoje a gente questiona, nessa área da educação, o quanto foi, ou não, rica. Mas aí bacana. Depois no ensino médio eu entrei... na época era muito concorrido e eu fiz processamento de dados, então tinha o vestibulinho, até hoje tem, mas na época era... nessa escola era mais concorrido.

P1 – Era uma ETEC?

R – Era, era lá na Armênia. Hoje mudou, acho que hoje até é um instituto federal. Foi CEFET e hoje eu acho que é instituto federal, faz tempo que eu não passo lá. Mas fazer, e fazer processamento de dados na época, que era final dos anos 80, era muito concorrido. Era um mercado fechado, tava na época de abrir, porque ficou fechado o mercado da informática, então era computador de grande porte, a gente fazia programação em cartão perfurado pra leitura, mas aprendi as linguagens, tudo. E depois eu fui fazer educação física.

P1 – Mas conta um pouquinho desse curso. Como é que funcionavam esses cartões de perfuração?

R – Era programação, então, pra você fazer um programa você tinha a sequência lógica, as linhas, os comandos que você tinha que dar, então você datilografava o comando e perfurava um cartão. Você digitava e uma máquina perfurava esses cartões, depois passava por uma leitura ótica que traduzia o comando pro computador. Então era a forma que... hoje a interação com o usuário é maior, dependendo do programa o usuário mesmo pode programar alguma coisa. Antigamente não, tinha os programadores. Então era um pouco isso, de fazer programação. Cheguei a fazer um estágio de um ano na Telesp. Telesp! (risos) não era Telefônica, não, era Telesp. Era isso, tinha um mercado grande, eu até ia trabalhar nessa área, eu cheguei a passar em uma entrevista pra trabalhar no açúcar União como programador, mas daí, na mesma semana em que eu fui informado que eu tinha entrado eu também fui servir o exército, então eu fui fazer o exército. E foi nessa transição... quando eu saí do exército tava essa transição de grande porte pro micro, já tava outras linguagens, outras coisas, e aí eu meio que deixei de lado a área.

P1 – Até pra gente adiantar um pouquinho, desse período de escola você tem algum professor que ter marcou ou alguma matéria que você gostava mais?

R – Gostava bastante de matemática. Tinha algumas figuras, a professora de Ciências, professor de Matemática que era... na verdade não por ele, mas pela aparência, o cara era um grandão, de barba, a gente chamava ele de... o apelido dele era Falcon (risos), que era a cara do Falcon, o cara grandão, tal, mais por isso. Depois, na Escola Técnica Federal foi interessante, teve um professor de física que fez um movimento... hoje,

olhando, é bacana, ele juntava os alunos de várias turmas e... na verdade os que ele considerava os melhores, e tentou fazer um grupinho... que era uma justificativa bacana a dele, ele falava: "Vocês vão se dar bem em qualquer coisa, então vocês vão pegar o primeiro concurso público e vão passar, e depois vão ficar nisso. Vocês tem potencial pra mais." Mas não funcionou muito, juntou... as pessoas não tinham... ele juntou mas não conseguiu gerar uma relação entre as pessoas, então dependia da gente. Mas aí jovens tinha esses grupos de afinidades, então pra você criar outra relação com outro grupo...

P1 – Nessa época de ensino médio, você já estava mais adolescente, o que você fazia pra se divertir? Já tinha namoradinha, como é que é?

R – Tive poucas, tive poucas, eu não saía muito, então aí eu acho que o esporte teve um papel importante, olhando hoje. Já no ginásio eu comecei a correr, gostava de jogar futebol mais, mas jogava tudo. E depois, no ensino médio isso foi ficando mais forte, tinha uma estrutura melhor, tinha uma pista de atletismo, tinha várias quadras, tal. E daí isso foi uma coisa interessante porque era um grupo de processamento de dados, então, teoricamente eram os mais cdf do colégio lá. Mas era um grupo legal, a primeira afinidade... todo ano lá tinha uma competição interna, então isso... logo no primeiro ano a gente foi jogar futebol, futsal e a gente foi campeão. Então era um grupo que começou a se diferenciar, isso foi ligando as pessoas, ligando um pouco a gente e tal. Mas tinha muito japonês também, então, ao mesmo tempo em que uma coisa ligava, não era da mesma cultura, então isso também não gerou grandes amizades. Tinha algumas coisas bacanas, o esporte... eu posso só fazer esse papel de relação, de você ser reconhecido por alguma outra coisa, não só pelo estudo, mas pela atividade. Eu corria, corria 1500, 3000 metros, sempre ia bem, segundo, terceiro lugar, tal. Quando mudava o ano, que o cara do quarto ano saía eu falava: "Agora eu vou ganhar." Daí vinha outro do primeiro e segundo ano. Mas isso daí gerou... foi bacana. No terceiro ano esse grupo do time de futsal a gente chegou na final também. Ganhamos todos os jogos nos pênaltis mas perdemos a final, os caras ficaram bravos. A gente jogava pra empatar, ganhava nos pênaltis e ia passando.

P1 – Jogava contra quem?

R – Era com outros cursos, então tinha processamento de dados, eletrônica, mecânica, edificações. Então você tinha uma rivalidade saudável, não tinha... pelo menos eu não me envolvi em nada, não fiquei sabendo de nada. Tinha uma rivalidade saudável entre os cursos.

P1 – Quais eram as modalidades?

R – Tinha de tudo, as coletivas, tinha o futebol, basquete e vôlei, tinha as provas de atletismo, tinha tennis de mesa porque como tinha muito japonês, é uma modalidade tradicional e que gerava uma torcida grande. A gente tinha um cara na nossa turma bom, mas era um só, e como era torneio de equipe, o cara tinha que jogar, jogar dupla. Uma vez ele ganhou. Ele era um cara bom tecnicamente, mas relaxado fisicamente. Era interessante acompanhar.

P1 – E você podia participar de mais de uma prova?

R – Sim, sim. Tinha, eles soltavam o regulamento com as datas, tudo, e a turma se inscrevia: "Vou participar disso." Tinha os prazos, bacana.

P1 – Como é que foi essa entrada pro exército? Você queria ou não queria? Como foi esse período?

R – Não, não queria. Eu já tinha entrado aqui na faculdade de educação física. Porque foi isso, o esporte começou a fazer esse papel então, do terceiro pra quarto ano, eram quatro anos o técnico, então do terceiro pro quarto ano eu falei: "Vou prestar o vestibular. Vou prestar alguma coisa que eu goste, mas que seja mais tranquilo pra de repente passar pra segunda fase, que tenha mais possibilidade de passar pra segunda fase pra treinar também. Só que aí eu acabei passando e entrei aqui na faculdade de educação física. Daí eu queria fazer administração, tinha esse lado também, meu pai tem essa formação de administração, meu irmão também tinha entrado e ia fazer administração, tava fazendo, daí eu ia seguindo esse caminho também. Embora eu tivesse passado aqui, eu ia trabalhar na União, era a mesma época, no final do ano pro começo do ano. Eu terminei o... então, daí eu passei aqui. Vamo lá. Eu passei aqui, daí um ano eu fiz aqui, o estágio, e o colegial técnico o último ano. Fazia estágio de manhã, vinha aqui a tarde e fazia o último ano do colegial técnico a noite. Então falei: "Vou fazer Educação Física, vou ver o que vai dar." Daí terminei o quarto ano, tinha esse emprego engatilhado e aí o exército. E prestei vestibular pra administração. Daí eu não passei aqui na USP, passei na ESAMC, que é lá na São Joaquim, é ligado à FEI. E daí tinha esse: "Pô, não, eu to na faculdade, tal." Mas aí eu peguei o exército lá no centro de informática do exército, que é no Cambuci. Daí foi meio até o final, tinha uma dispensa, dispensava a pessoa, ou era eu ou o outro cara, daí foi o outro cara. E eu fiquei, fiquei dez meses no exército. Daí eu tive que trancar aqui, consegui trancar aqui, tal, e fiquei fazendo administração à noite.

P1 – Mas então, nesse período, você estava fazendo aqui a EEF, essa de administração e o exército, é isso?

R – Eu tranquei aqui, fazia o exército e administração à noite. Aqui tava trancado.

P1 – Você passou nas duas ao mesmo tempo, na EEF e nessa de administração?

R – Foi um ano antes na EEF e um ano depois na administração.

P1 – E você lembra do período de vestibular? Como é que foi a prova, o dia da prova?

R – Lembro um pouco. Eu já tinha experiência do vestibulinho pro colegial técnico, na época do colegial técnico eu fiz umas dez provas, então essa coisa do teste eu tinha uma certa técnica, um certo domínio de como fazer o teste, como chutar bem, como ter uma boa precisão nisso.

Então a novidade era... tinha a parte da segunda fase, a parte escrita. E a parte prática, a Educação Física tinha uma parte prática ainda. As provas... a primeira fase foi relativamente tranquila, eu não estudei muito quando eu prestei aqui, mas tinha uma bagagem boa do colégio técnico. Peguei alguns livros, algumas coisas, ficava fazendo os testes, mais em cima dos testes, entendendo a lógica dos testes do que o conhecimento em si. Eu tinha um conhecimento da lógica desses testes. A primeira fase foi tranquila. A segunda foi meio sem compromisso, mais tranquilo, acho que a coisa foi fluindo. Depois teve a parte prática. Tinha natação, corrida. Natação eu não sabia nadar.

P1 – E como é que foi?

R – Cai na piscina pra não zerar, fazer cachorrinho lá um pouco e depois descontinuar na corrida, que daí eu ia mais ou menos bem, daí equilibrou e deu pra passar.

P1 – Você lembra do momento em que ficou sabendo que passou?

R – Lembro pouco. A primeira fase eu tava de férias no litoral, então comprar o jornal, ver lá o nome. Depois, aqui, eu não lembro o momento da segunda fase, não lembro, mas ao mesmo tempo gerava uma coisa: “Pô, vou passar, aí o que eu vou fazer?” Na verdade, não necessariamente era o que eu queria fazer. Daí vim e fiz a matrícula, fiz um ano e tal. Fiz o primeiro ano pra ver como é que era. Mas a tendência era eu não ficar, depois aconteceu isso do exército. O exército, por esse lado, ele reorientou tudo, então é aquela coisa. Depois você olha as pequenas escolhas, ou não-escolhas da vida e que modifica bastante o rumo.

P1 – Fala pra mim do período aqui da EEF. Como é que foi a sua formação, os amigos, como é que foi essa época de faculdade?

R – Também teve o lado bacana, mas assim, tive uma dificuldade porque, assim, entrei no primeiro ano com uma turma que tive pouco convívio. Aí tranquei. Entrei um ano e ficou um ano trancado. Daí eu voltei então no meu terceiro ano, que seria o terceiro ano de faculdade. E daí eu comecei a fazer, nesse ano que eu voltei, disciplinas com as três turmas. Então eu conhecia todo mundo, mas não tinha relação a fundo com... os amigos que eu formei aqui no primeiro momento já estavam no terceiro ano. Daí eu via, tal. Aos poucos, depois desse primeiro ano, no quarto ano eu falei: “Não, vou fazer mais com uma turma, já sei que eu vou levar seis anos pra terminar. Então vamos fazer com calma, vamos fazer mais com uma turma senão..” E daí foi a turma que hoje tá aqui, o Maykell, a Katia, era a turma deles, daí eu comecei a ter mais afinidade, momentos bacanas. Sexta-feira praticamente a gente não tinha aula e foi criando o hábito do futebol, tinha um futebol de sexta-feira. Tinha um convívio bacana, mas também não era muito de sair, também era outro ambiente, acho que a universidade tinha menos festa, menos coisa, eu participava pouco também. E eu fiz, também tem esse lado, a não ser o último ano, todos os anos... eu terminei administração também. Eu fazia aqui e fazia a noite administração, então na verdade eu convivia com as três turmas daqui mais a turma de administração à noite. Nessa turma era um outro perfil, a maioria trabalhando, que era turma à noite, então o pessoal trabalhava. Tinha uma boa parte mais velha, com outras experiências. Então eu fui... acho que isso impacta muito o que eu faço hoje, entendeu? Mas, assim, você conviver com esses perfis diferentes, você olhar... na época talvez ficava muita coisa, mas acho que eu conseguia levar bacana, de você olhar: “Pô, aqui tem um pessoal com uma experiência bacana. Aqui tem isso também que é legal.” Aproveitar um pouco tudo isso, mas por outro lado também era amizades que se formavam naquele momento e depois não tinha muita continuidade.

(pausa)

P1 – Marcos, fala um pouquinho pra mim da sua experiência com o esporte universitário. Você fez faculdade aqui, de Educação Física, mas como é que foi? Você tinha um envolvimento, você competia? Participou de atlética, como é que foi?

R – Não, (risos) não. Era isso, assim, eu não tinha o perfil, eu não era o cara do perfil do aluno de educação física. Se bem que tinham pessoas variadas também, mas tinham um certo perfil. Então eu vinha de uma turma de processamento de dados, outra característica. Daí entrei aqui, teve tudo isso, então no primeiro ano acho que eu cheguei a fazer alguma coisa.

P1 – Que época é essa que a gente está falando?

R – 89. Depois em 91 também, acho que eu cheguei a competir alguma coisa de atletismo, tudo, mas depois desencanai. Aí eu só joguei alguma coisa no interno. Aí, no nível do pessoal, o meu nível não era... era baixo, antes eu tava bem e depois eu passei num outro espaço e daí não era desse perfil. Não me envolvi com o esporte universitário até por isso, então eu tava... o meu ritmo eu era outro. Então, 91, 92 e 93, porque 93 eu me formei em administração. 91, 92 e 93 eu fazia essa rotina de... era aqui de manhã e à tarde e à noite... e se você pensar que bimestralmente tinham provas, aqui e lá, imagina como era. E lá eu tinha que tentar ainda... era pago, né, ainda tinha que tentar ganhar uma bolsa, daí eu tinha que tirar... dois anos eu consegui ganhar uma bolsa de 100 por cento lá. Então era um outro ritmo. Em 94, quando eu terminei administração, que eu fui fazer estágios da Educação Física, daí eu fiz um estágio na área de laboratório ligado à questão cardiológica, uma parceria do INCOR com a Escola de Educação Física, fiz um estágio numa escolinha de futebol que tinha, que em parte... ela não é o embrião, mas deriva de clínicas que o CEPEUSP fazia e que, de alguma forma... aí tem um pouco da ideia do projeto depois. Fui fazer estágio escolar, então depois que eu fui também entrar pra poder decidir o que eu ia fazer.

P1 – Você tinha alguma de ideia do esporte que você queria se especializar, que você gostava mais, alguma coisa assim?

R – Tinha um pouco mais o futebol, mesmo depois quando eu vim fazer o estágio na escolinha de futebol, tinha essa parte do futebol que atraía um pouco mais. Depois também aqui no próprio programa eu entrei como monitor do futebol, quando ainda tinha a divisão por modalidades. Entrei no futebol, depois cheguei a trabalhar um, dois anos em escolinha de futebol, mas também... até 97, 98, mas depois também foi...

P1 – Como é que foi a sua entrada no PET?

R – Acho que deriva um pouco... então eu estava terminando de me formar, em 94, que foi o ano em que o Ayrton faleceu, estava vinculado a essa escolinha de futebol, fazendo estágio nessa escolinha de futebol do CEPEUSP e no final de 94 pra 95 eu falei: “Legal, me formei e?” Daí tinha essa proposta de tentar ampliar a escolinha, de fazer alguma coisa, ver o que poderia fazer. Na época o diretor me deu um toque: “Segura aí as pontas que tem um programa aí que vai surgir, tal, acho que dá pra gente aproveitar.” Tanto que eu iniciei como monitor, não era contratado, então iniciou o projeto com os educadores que eram os técnicos, né, e tinham alguns monitores que eram meio que estagiários ou recém-formados, né. Um ano depois é que foi ter um concurso dentro do...

P1 – E você sabe como começou o projeto? Quem criou?

R – Então, o que eu me lembro... o CEPEUSP tinha um esboço, porque já tinha aqui o Projeto Xerox.

P1 – O que era esse projeto?

R – O Projeto Xerox era uma parceria da universidade com a Xerox, mais focado no atletismo, tanto que... acho que antes disso, antes do projeto aqui já tinha o projeto lá na Mangueira, que até hoje tem. Era um projeto na Mangueira que começou, era a Xerox lá na Mangueira com atletismo, e que depois o pessoal fez uma filial aqui também. Depois chegou a expandir pra judô também. Então tinha um modelo de convênio e tinha essa ideia... como o CEPEUSP antigamente fazia algumas clínicas, se não me engano, em parceria com o Banco do Brasil, umas clínicas pras crianças nas férias, pra garotada, clínica de futebol, reunia um bom número, tal. Então tinha um projeto no papel, uma coisa simples, mas acho que já tinha alguma coisa no papel. E o Instituto Ayrton Senna, com a morte do Ayrton, acho que ele já tinha essa ideia. Do que eu me lembro, em março de 94 ele lançou o Senninha, a corrida aqui em São Paulo, quando estava aqui em São Paulo, ou no Rio, não sei agora, mas enfim, lançou o Senninha, que tinha essa ideia, dos fundos do Senninha serem revestidos pra... não sei se era o Instituto, não sei o que o Ayrton faria, mas tinha essa ideia dos fundos do Senninha serem pra ajudar em ações sociais. E quando ele falece, logo a família: “Vamos dar continuidade ao legado.” e, se não me engano, em novembro de 94 é fundado o Instituto em Londres, se não me engano, porque eu acho que a tramitação era mais rápida de se fazer o instituto lá. Tanto que o primeiro nome é Ayrton Senna Foundation. Daí eu acho que eles começam a conversar com o pessoal aqui já, no final de 94. Como o Ayrton corria aqui, quando ele estava em São Paulo ele fazia a preparação física dele aqui na USP, com o Nuno Cobra. Então a universidade tinha uma certa relação, a família tinha uma relação com a universidade. Daí procurou a diretoria do CEPEUSP e juntou esse projeto, acho que o CEPEUSP apresentou o projeto e a família então: “Vamos fazer.” meio que: “Vamos iniciar logo pra não distanciar muito e iniciar o mais rápido possível.” Tanto que aqui foi o primeiro projeto do Instituto, se não me engano também, acho que em 95 eles lançaram também um projeto de uma sopa que também era com a USP de São Carlos, ou a Federal de São Carlos, uma forma de usar alimentos do CEASA, o que sobrava lá, alguma forma de fazer uma sopa, desidratar porque depois você reidratava e virava um sopão pra distribuir nas escolas, enfim. Teve esse apoio também, mas aqui foi o primeiro projeto.

P1 – E como é que funcionava o projeto nesse primeiro momento? Qual era o objetivo? Quem ele atendia?

R – Então, acho que toda essa questão de: “Pô, vamos começar rápido.” você parte num primeiro modelo que era, na época, 20 anos atrás, o esporte social, o esporte como via de ascensão social. Então era: “Vamos formar atletas e o atleta tem uma ascensão social, vai se dar melhor na vida e sair dessa condição, tal.” Era, há 20 anos atrás, o modelo que tinha. Tinha outras coisas, lógico, já tinha o SESC, tinha o SESI, tinha outros modelos do esporte, do lazer, tinha algumas outras coisas, mas se hoje ainda é forte, há 20 anos atrás era mais forte ainda. Então tinha esse modelo por trás, mas não tinha algo muito claro. Tinha a divisão de modalidades, tinha a justificativa, então: “Vamos fazer canoagem por causa da raia, vamos fazer handebol porque era uma modalidade que se pratica nas escolas, toda escola tem a quadra de futsal, mas que você joga o handebol também. A tabela de basquete pode estar quebrada, mas a trave não, então dá pra você jogar o handebol. O futebol porque é o futebol. E o basquete feminino.” O basquete era só feminino quando começou porque na capital não tinha, todas as equipes fortes de basquete feminino eram no interior, então: “Pô, vamos fazer alguma coisa na capital.” Daí era a justificativa, mas olhando esse modelo do alto rendimento, esse modelo da ascensão social só, mas também, pra começar, e isso ficou claro depois, um ano depois, se você quisesse fazer esse modelo você tinha que investir muito mais. Então, não bastava selecionar... então a gente usou muito da estrutura que tinha do Xerox, o Xerox já tinha contato com as escolas então isso foi... da região, então: “Vamos mandar, avisar as escolas que tem um novo projeto, vai ter um momento de seleção, tragam as crianças, tal.” Daí os profissionais daqui foram bolando os testes. Muito desse modelo, mas também ao mesmo tempo percebendo: “Se você tem esse modelo de rendimento você precisa de uma equipe mais...” na época a gente não falava tanto da interdisciplinaridade, mas uma equipe com médico, com fisioterapeuta, tal, ter mais isso, precisa investir nisso. E o custo disso era muito mais alto. Então, um ano depois, na renovação do convênio, quando você vai conversar com o Instituto, então fazer isso se torna inviável.

P1 – Era renovação anual?

R – Anual. Então não se sustenta. Na época também eu não tinha acesso a isso, era o que eu ia ouvindo. E ao mesmo tempo o instituto se aproxima de outras universidades, ele vai tendo contato com outras universidades. Se não me engano, o primeiro com a Universidade Estadual de Pernambuco, que fazia parte de uma caravana do esporte.

P1 – Vamos lá, Marcos, a gente estava falando do Instituto no começo do projeto, do PET. Você estava falando da parceria do Instituto com algumas faculdades, universidades.

R – Isso. Daí então foi aqui em 95, em 96 tem essa aproximação com Pernambuco e também firma um convênio, era um projeto que já existia lá que se chama Projeto Santo Amaro, era um projeto de extensão universitária que tava ligado, os professores, a essa caravana do esporte. Hoje também tem esse nome, é um programa, mas antes era um programa do Ministério, se não me engano, ligado ao INDESP, que era o Instituto do

Desporto. E essa aproximação com Pernambuco aproxima desse programa onde tinha outros professores de outras universidades dentro da linha mais do esporte educacional. Então eles faziam essas caravanas levando o esporte pra várias localidades, professores universitários, daí isso aproxima o Instituto de outras universidades. Então o pessoal do Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul, Minas e do Pará. Não sei como é que foi esse processo, mas culmina em 97 tendo seis universidades dentro e formando o Programa Educação pelo Esporte. Em 97 tem um primeiro encontro onde, daqui participou o diretor, talvez o Emílio possa falar algo. Tinha um foco em avaliação, a questão da avaliação, como é que avaliava o programa, tal, não sei o que, e depois já tem uma mudada. Em 98, durante 98, o Instituto percebe também: “Não, vamos por outro caminho.” De 97 pra 98 as coisas também aqui começam a mudar, então saem muitos daqueles técnicos iniciais que tinham suas especialidades em modalidades e que daí muitos acho que queriam, viam aqui essa possibilidade do modelo de formar equipes de base pra disputar campeonatos, tudo. E quando percebem que o caminho não vai por aí, acho que acabam também optando por sair.

P1 – Tá. Mas antes da gente ir pra essa parte mais de mudança, vamos voltar ali pro começo. Me diz o que significa a sigla PET? E você sabe de onde surgiu esse nome?

R – Então, Projeto Esporte e Talento, não sei a origem, quem deu o nome, mas é essa ideia, na época... disso do talento esportivo. Você tinha, na época, o esporte muito como ascensão social, ainda essa questão da detecção de talentos muito presente. Tinha um método, nessa década de 90, do CELAFISCS, do Victor Matsudo, a técnica lazer, se não me engano, você detectava talento a partir de uns testes. Então creio que nasce um pouco daí.

P1 – Eu queria que você me falasse, Marcos, um pouquinho do seu começo aqui dentro. Como é que era a sua rotina de estágio? Como foi o processo de seleção pra você entrar aqui? Com quem você trabalhava, quais eram as atividades?

R – Tá. O primeiro ano eu era monitor, eram três monitores de manhã. Tinha o pessoal do futebol da tarde e o pessoal do futebol de manhã. Praticamente acontecia oito projetos diferentes, eram as quatro modalidades e o período manhã e tarde, eram pessoas diferentes. De manhã os monitores eram eu, o Maykell e o Alexandre, que também era todo mundo recém-formado. E tinha o professor Zé Carlos, que era professor do CEPEUSP... tinham dois ou três professores do CEPEUSP que estavam ligados ao projeto, pra dar esse suporte inicial, e o resto a maioria era de fora. Então eu vinha nessa vinculação como monitor. Em maio de 95, que acho que foi a vinculação inicial, tinham várias reuniões, depois essa questão de preparar os testes, de marcar os primeiros testes com a garotada. Então a primeira etapa foi fazer os testes e em agosto de 95 que começaram, efetivamente, as atividades. Daí a gente tinha uma autonomia, o professor Zé Carlos não interferia muito, ele tinha outras atividades aqui no CEPEUSP, então nós três lá, recém-formados, com a experiência um pouquinho da escolinha de futebol, então ficava lá tentando bolar algumas coisas mirabolantes, até algumas atividades diferenciadas, jogos diferenciados, atividades diferenciadas dentro do futebol. Então era um pouco isso. Era todos os dias da semana, preparar atividades. A gente se dividia um pouco, no início menos porque tinham poucos, mas depois ao longo do segundo semestre entrou mais gente, mais crianças, então dividia um pouco pela idade, um ficava com os mais novos, com as meninas, outro com mais velhos, então dividia um pouquinho. Então era um pouco essa rotina de fazer o treino, depois almoçar, à tarde às vezes ficava por aí também, via alguma coisa.

P1 – Quantas crianças eram, mais ou menos, nesse período?

R – Acho que a primeira... acho que em agosto devem ter entrado umas trinta e pouco depois, do meio pro final entrou mais. Tanto que no final de 95 a gente marcou jogos com o pessoal da tarde, então acho que fôram três, quatro equipes, então tinha já umas quase 50.

P1 – E você tinha contato com esses monitores de outras modalidades?

R – Era menos, a gente não tinha uma sede, estava em processo de construção. Então tinha um local onde a gente ia pegar o passe, pegar o tíquete que a garotada comia na COSEAS e também ganhava o transporte. Então tinha um local que a gente pegava o tíquete pra distribuir, enfim, pra devolver, tal, daí você encontrava de vez em quando. Mas assim, um processo começou em 96, no final de 96 pra 97. Então era meio... você ia fazendo o seu, acho que bem feito, cada um ia... então onde não tinha o técnico os monitores tinham essa autonomia maior. Onde tinha um técnico mais atuante, por exemplo, o futebol da tarde tinha o técnico, tinha monitores também, estagiários, tal, mas tinha o técnico. Então ele que ordenava. Daí a gente foi se aproximando aos poucos, por meio da modalidade, logo no final de 95 a gente faz alguns jogos, então: “Vamos combinar os jogos.” Os próprios testes foram feitos em conjunto. Daí aconteciam algumas coisas, tinha: “Esse menino fez o teste de manhã.” “Ah, não, mas o horário dele... ele vai pra tarde.” Então sempre tinha algumas discussões, na época tinha algum sentido, mas você vê hoje...

P1 – Tinha algum acompanhamento por parte do instituto de verificar as atividades que vocês estavam fazendo? Tinha algum acompanhamento mais próximo ou vocês tinham autonomia?

R – Tinha autonomia, acho que nesse início o instituto também estava vendo outras coisas, a própria formação, o conceitual, a perspectiva do desenvolvimento humano, esse próprio conceitual do instituto ainda estava se formando, então eu acho que era um acompanhamento mais burocrático mesmo de relatório, da quantidade, do desembolso financeiro. E aos poucos também, depois começa a tentar reunir os programas pra ir criando uma massa crítica comum.

P1 – Quanto tempo você ficou como monitor, estagiário? Que período foi?

R – Praticamente um ano. Depois teve o concurso, 96.

P1 – Foi um concurso pra funcionário da USP?

R – Concurso público. Aberto, mas focado no projeto, então era vinculado ao convênio, tinha duração de um ano. Então era vinculado ao instituto, mas a forma do convênio, qualquer convênio na universidade era essa de... se tinha recursos humanos tinha que ser contratado pela universidade, mas com limite de tempo. Depois aqui acabou... se olhar isso... os projetos, na verdade, se fosse seguir essa ordenação ele se tornaria inviável porque pela lei, pra não cair no prazo determinado, de uma vinculação com prazo determinado, a cada dois anos teria que trocar todo mundo. Porque você só pode ter um contrato de um ano e renovado por mais um ano no prazo determinado. Então você tem o prazo determinado de dois anos no máximo, passou disso você cai em prazo indeterminado e aí você passa a ter vinculação direta, foi o que aconteceu com a gente aqui.

P1 – Vocês entraram em que cargo? Qual a função desse concurso?

R – Era educador, educador de práticas desportivas. O cargo até hoje é o mesmo.

P1 – Você tava falando de várias mudanças que aconteceram por volta de 97, 98. Você citou o programa de Educação pelo Esporte. Fala um pouco desse programa, como ele surgiu.

R – Historicamente o programa surge com o projeto, então se você olhar vai falar: “Bom, historicamente surge com o projeto.” Não sei se o instituto já vislumbrava isso de fazer um programa mais amplo, com outras universidades ou se isso vem depois. Mas surge o projeto, depois, a partir do momento em que você tem a universidade lá de Pernambuco, já são dois, acho que daí começa: “Opa, vamos criar um programa.” Mas se olhar historicamente a data do programa também é 95. E depois, em 97, agrega mais as quatro universidades, então passam a ser seis universidades. E começam a ocorrer encontros mais contínuos, pra delinear o rumo desse programa, dentro do instituto, o rumo desse programa.

P1 – Tem algum desses encontros que ter marcou mais? Eles aconteciam onde?

R – Tinham as reuniões mais formais e acho que o primeiro grande encontro e o que mais marcou inicialmente foi no final de 98, teve um encontro no Rio Grande do Sul, que a gente foi... acho que levou 20, acho que a gente foi com 20 crianças, dez bolsistas e mais uma equipe de coordenação. Então foi um número razoável. Isso de cada um dos seis projetos, então se pensar dá mais de 150 pessoas de fora e mais do projeto sede todo mundo. Então foi no Rio Grande do Sul, foi na Unisinos, no final de 98. Então teve todos os encontros de preparar esse evento, como escolher a garotada. Isso daí também tem um impacto interno porque você começa... você tem que se organizar pra esse encontro, então você tem que começar a funcionar como equipe, acho que isso vai também mexendo... essa organização do programa também afeta a organização do projeto. E daí, em 98, eu fui antes, eu fui escolhido pra ir uns dias antes, ia um de cada lugar, pra ajudar lá na organização interna, ver como é que estava, ver onde eram os alojamentos. Então eu fui escolhido, fui uns dois, três dias.

P1 – E o que resultou desse encontro? Alguma sistematização, metodologia?

R – Não, não. É bacana que tiveram momentos... daí tiveram momentos pra garotada, tiveram momentos pros bolsistas, então teve uma coisa interessante de você se organizar internamente pra levar relatos, isso foi legal. Esse processo de escolher a garotada também. Mas o encontro em si não resultou esse processo mais metodológico, ele resulta em... que era uma ideia em termos de visibilidade, agora também depois tem um pouco fora do eixo Rio-São Paulo também. Foi bacana, deu um impacto mas não tão grande na mídia, no final tiveram atletas e outras pessoas também presentes no encerramento, mas não teve aquele impacto de: “Ó, o programa...” do instituto que está aí, né... porque daí tinha um, dois anos. Então misturava muita coisa, tanto que em 99 fez um pouco menor e depois parou também porque o custo disso... então se optou depois por fazer coisas... encontros mais de discussão conceitual, encontros de trocas de experiências e depois isso foi, com o tempo, resultando nos encontros pra disseminação da tecnologia, que leva depois à ampliação do número de universidades, do livro, a escrita do livro.

P1 – Que livro é esse?

R – O livro do programa Educação pelo Esporte, Esporte e Desenvolvimento Humano.

P1 – E como é que foi a concepção desse livro, quem trabalhou nele, que ano foi?

R – Ele vai surgindo disso, desse processo de você ir sistematizando tudo isso que cada projeto faz, como cada projeto está lidando, o conceito do esporte e desenvolvimento humano. A gente tem várias etapas disso, de ir consolidando isso, vários encontros. Quem organizou o livro foi a Valderez, ela, num determinado momento, passou a ser coordenadora do programa lá no instituto, mas ela teve um contato anterior que ela fazia parte do CENPEC, que foi uma organização que o instituto contratou em 98. Em 98 eles já estavam presentes.

P1 – Você sabe o que significa a sigla?

R – Centro de Pesquisa Educação... CENPEC nem cabeça... é um centro... tem uma repercussão... até hoje ele é bem... trabalha com a questão da educação integral. Não lembro. Mas o instituto contratou pra trabalhar um pouco em cada... dar uma certa unidade, então eles atuaram vendo o que cada um dos projetos fazia e desenvolvendo algumas formações. Tanto que o primeiro contato: “Vem um pessoal de fora.” aquelas coisas: “O que que é?” “É uma auditoria, é uma avaliação.” Não era, era uma formação, então todo esse processo. Foi bacana, foi uma experiência bacana com eles então de... isso impactou bastante a evolução nossa e do programa também, tanto que depois o próprio instituto contrata a Valderez pra organizar, pra coordenar o programa e com essa missão de organizar o livro. Então ela vai coletando relatos dos vários... fazendo uma parte dela, escrevendo, sistematizando, mas é um livro com muitos relatos também. Ela vai coletando o que os seis projetos faziam.

P1 – Marcos, eu queria que você falasse pra mim um pouquinho dessas mudanças dentro do projeto. Você falou o projeto teve grandes

mudanças em momentos específicos. Eu queria que você falasse um pouquinho dessas mudanças.

R – Tem esse início, de 95, 96, pra onde vai, tal. Isso define que não vai pra esse modelo do alto rendimento, mas fica a dúvida então do que que é. Daí tem um processo, não tranquilo, mas que vai contínuo até culminar numa transformação maior. Então esse processo com o CENPEC, esse processo dentro do programa com as outras universidades de tentar entender o que é esse esporte e desenvolvimento humano. E ao mesmo tempo você vai tendo uma organização interna, então você se organiza internamente e a gente vai criando uma unidade também, um certo dna, de que essa origem do projeto deixa o esporte muito forte, embora fique: “Não é esporte de alto rendimento, mas o esporte passa a ser algo... não, o que a gente faz é esporte.” Então isso ficou muito claro, essa foi uma posição desde o início. Lógico que com nuances diferentes aqui dentro também, então mais pra lá, mais pra cá, alguns acho que pensavam e tal, mas: “O que a gente faz é esporte.” Então, dentro do programa, a gente sempre foi defendendo esse lado de que: “Não, tem que partir do esporte, o esporte é central.” Enquanto os outros projetos tinham algumas outras atividades aqui a gente... chegou a ter alguma coisa da psicologia, tudo, até da pedagogia em algum momento, mas o esporte muito mais presente e a gente evitando ter outras atividades e formando mais a interdisciplinaridade a partir do olhar dos profissionais que estivessem aqui sobre o esporte. Tiveram momentos bacanas. Depois, mais pra frente, em 2003, 2004 que a gente chegou a ter equipes grandes, com psicologia, pedagogia, educação física, arte até, mas sempre formando grupos que planejavam as atividades em conjunto e não separados. Essa origem também deu esse dna muito claro. Então foi tendo esse processo interno e externo que culminou aqui internamente com a criação em um primeiro momento do Peteleco, que foi o grupo de 8, 9 anos, isso foi em 2000. Ao mesmo tempo já tinha se esboçado um outro projeto da idade avançada, que a gente começou a entender a idade de dez a dezesseis anos, então depois teve o Peteleco de 8 e 9 anos. E daí, com o Peteleco, em 2000, 2001 teria a passagem dessa garotada pras modalidades e a gente: “Bom, e aí, como é que fazemos?” E tinham posições diferentes, tal, tinha uma tendência da gente fazer algo de... então nos dois anos seguintes eles fazem um semestre em cada modalidade e depois, com treze anos, escolheriam qual das modalidades continuaria. Dentro de um... até não é uma concepção ruim, dentro de um projeto de formação, de repente você tem uma limitação de espaço, tudo. Também não seria uma concepção ruim, mas você tem outro processo que é da renovação anual do convênio e disso ser trabalhoso, tem momentos em que você: “Poxa, tem uma grana maior.” Tem momentos que: “Não, tem que enxugar.” Isso também é muito complicado. Esse era um momento também que vivia de: “Opa, precisa cortar alguma coisa aí.” A gente já vinha num processo de ter cortado o transporte da garotada, a própria alimentação não tinha mais, era uma doação, então algumas coisas já tinham sido mexidas. E daí, de 2001 pra 2002 a gente vinha nesse processo e acaba sendo mais radical, a direção dá um aval pra gente fazer outros tipos de mudanças. Daí surge a proposta de fazer o atendimento por faixa etária, caracterizar cada grupo pra manter o Peteleco e formar grupos de 11 e 12, 13 e 14, 15 e 16 anos.

P1 – E esses grupos recebem nomes também?

R – Depois, pela própria garotada. Então, depois quando tem a mudança cada grupo, as próprias crianças e adolescentes que escolhem esses nomes.

P1 – E quem criou o nome Peteleco?

R – Não sei, acho que fui eu. Isso era uma discussão, um processo de grupo, de repente alguém tem um estalo e tal. Surgiu, foi interessante que juntava o PET com essa coisa do peteleco de criança. Hoje você pode dizer que é uma agressão, né, mas na época tinha mais a brincadeira. Isso fica bacana depois, mas eu acho que tem muita coisa nossa que surge disso, de um processo de você ir discutindo com a equipe, alguém dá uma ideia, outro dá outra ideia, não sei o que, e de repente alguém... acho que essas coisas é difícil falar: “Ah, foi fulano.” Em algum momento alguém teve o insight lá, mas surge desse processo coletivo.

P1 – Fala um pouquinho pra mim, você estava comentando antes da gente começar a gravar do surgimento desse logo aí do projeto. Como é que foi?

R – Isso. Então...

P1 – Descreve o logo pra gente e depois fala como foi.

R – Ok. Então o logo ele marca o momento de 10 anos, também dentro desse processo, então você tem uma mudança, essa mudança mais significativa e depois a necessidade de uma identidade mais própria. Então, dentro do programa a gente era o único que não tinha um logo próprio, a gente usava o logo do programa Educação pelo Esporte, que é o Senninha em cima dos livros com o diploma, tal. A gente via essa necessidade, então o logo do Projeto Esporte e Talento ele é uma estrela com um fundo azul, é uma estrela vermelha, laranja e amarela, tem um efeito bacana e as letras amarelas, douradas, é um amarelo... e ele surge de um processo daí, a gente tinha essa necessidade, hoje menos, mas na época a gente tinha muita entrevista, muita gente vinha, jornal, televisão. Tinha o lado bom e tem o lado de você ter que lidar com tudo isso. Uma das vezes que a gente recebeu foi do pessoal da parte de responsabilidade social da Fundação Cásper Libero, pra fazer uma matéria pro jornalzinho que eles tem, bacana, a gente recebe até hoje, é o Jornal Cidadania. E na conversa com eles, de: “Poxa, o que a gente pode fazer? A gente às vezes faz campanha pra arrecadar coisas pros projetos.” Porque a responsabilidade da área deles seria essa, de você mobilizar a fundação, os funcionários, os alunos para intervenções, ações em projetos. E daí surgiu essa questão do logo. Então daí foi feito um concurso interno lá no curso de Comunicação e Marketing, creio, da Cásper Libero, a gente monta uma comissão interna formada por uma pessoa lá da Cásper Libero, alguém da coordenação, a Cleo, que era na época a coordenadora lá do Instituto Ayrton Senna, do programa e a garotada. Então formou a comissão, essa comissão escolhe o ganhador, tem uma cerimônia de premiação lá na Cásper Libero, a gente vai com a garotada lá também, quem fazia parte dessa comissão vai lá também, foi bacana. Isso gera uma visita também pra conhecer a parte da rádio, o estúdio com um grupo de jovens aqui, que era o projeto... aí teve um momento em que a gente conseguiu emplacar o projeto de ampliar a idade, que o Jovem Protagonista, esse grupo vai visitar a Cásper Libero também. Então foi ação que teve várias decorrências. E daí o logo que ganha era o melhor, que a comissão escolheu, mas não era o que a gente queria, tinha muito verde amarelo, e as letras também a gente achava que não era o formato

mais legal. Daí, com os ganhadores se faz um processo, que eu acho que foi bacana pra eles também, de aprimorar esse logo dentro do que a gente queria. Daí faz três versões, tem um processo de votação aqui com a garotada e ganha esse logo que eu descrevi aí. E daí a gente lança na comemoração dos dez anos do projeto, teve a inauguração da praça, a gente tava com a sala de leitura que foi reformulada, foi um momento também de agitação. E depois, mais pra frente, em 2009, com a mudança pro PRODHE, com o fim do convênio da parte financeira com o instituto e a universidade assumindo o projeto, então vira o Programa de Desenvolvimento Humano pelo Esporte e daí também a necessidade: “Opa, qual a marca?” E daí, em conjunto com uma ex-estagiária, que também estava querendo fazer alguma coisa na área de comunicação, ela topa o desafio de remodelar o logo. E daí é um processo mais de conversa, ela faz uma versão, mostra, muda a letra, muda a posição, é um processo bacana também. Daí a estrela vira um figura humana, que está encaixada no meio do programa, o programa tem as cores das letras, né, também que ficou bacana, então o PRO é de uma cor, o DH e o E, então ficou um processo bem interessante, bem encadeado.

P1 – Você comentou que as crianças chegaram a votar e tal. Elas participavam de votações e escolhas dentro do programa, de repente pra que atividade participar? Como acontecia esse tipo de coisa?

R – Sim, sim. Teve um momento que foi bem bacana... tiveram dois, três momentos, ia alternando, da gente ter comissão de educandos. A garotada, num primeiro momento, até a mudança de 2002, a gente chamava de Atleta Talento e depois passamos a chamar de Educando. Por causa do atleta, do esporte, atleta, talento, tal. A garotada gostava, era mais uma coisa nossa do que da garotada. A gente então tinha as comissões dos Atletas Talento, teve forte em 98, 99, depois deu uma... um, dois anos ficou menos atuante, depois retomou. Levávamos algumas questões, mas era um processo difícil porque também a gente tinha que fazer num período de atividade e às vezes eles não queriam também perder a atividade, então você ia ter que negociar, mas tiveram momentos bacanas até, de fazer assembleias com eles. Tinham questões às vezes que remetiam muito... a gente chegou a estudar, em formação com os educadores, um modelo da Escola da Ponte, esse processo mais participativo, de assembleias, tudo, e a gente aplicou em alguns momentos algumas coisas parecidas aqui.

P1 – Fala pra mim um pouquinho...

R – Hoje, a participação também existe, mas de uma outra forma, ela existe muito mais no cotidiano dos grupos, de participar, de sugerir atividades, nas metodologias que a gente utiliza. Então uma das metodologias que a gente utiliza aqui é o Sport Education, que tem muito da garotada desempenhar papéis, assumir a responsabilidade pelo seu conhecimento e pelo seu próprio desenvolvimento esportivo. Então é algo que permanece de outra maneira.

P1 – Tá. Fala pra mim um pouco sobre esse programa de Jovem Protagonista. Quando ele surge? O que ele é?

R – Foi bem bacana, em 2004, 2005, um programa com jovens de 17, 18 anos, ele tinha um característica um pouco diferente então foi um projeto piloto mesmo. Tinha duas estagiárias, eram estagiárias e daí se formaram e daí, nesse piloto, elas atuaram um ano, uma de pedagogia e uma de psicologia, com uma coordenação da coordenação do programa na época, a gente ia coordenando e conversando também, afinando algumas coisas. Então tinha muito da questão da ambientação profissional, eles chegaram a atuar em áreas aqui dentro do CEPEUSP, em setores do CEPEUSP como estágio também, então jovens atuando aqui, momento de orientação profissional, atividades de orientação profissional, de planejamento de vida, projeto de vida. Tinha uma parte também esportiva ainda, porque pra não perder essa característica, o próprio estágio dentro do CEPEUSP, então quem queria fazer mais estágios junto a professores ou sessões de eventos. Teve gente que fez junto à parte de medicina esportiva, enfim. Foi bem bacana, eles tiveram essa oportunidade de visitar a Cásper Libero, tiveram a possibilidade de visitar o Instituto Ayrton Senna também e o Museu que tinha lá com os troféus, com as relíquias lá do Ayrton, que pouca gente tinha visitado. Então também foi... a família abriu essa exceção, foi bacana. Eu fui com eles, foi bom (risos). E também teve o seu impacto, depois não teve a continuidade, se não me engano teve um ou dois anos, depois mudou de característica, a gente ampliou a faixa de idade, mas com outras características também. Porque tinha muito... esses jovens que passaram, eles na maioria formaram uma parceria numa empresa de telemarketing, então eles saíram daqui com um emprego no telemarketing, tal, depois alguns ficaram um tempo, outros ficaram um tempo maior. Daí também cada um foi tomando as suas decisões e foram seguir as suas vidas. Pra uns isso até ajudou depois a pagar a faculdade de educação física alguns, a própria Priscila acho que ela passou por isso.

P1 – Marcos, eu queria que você falasse pra mim sobre o Olipet, o que é, quando surgiu e se haviam outras competições, quem participava, quem vocês convidavam.

R – A Olipet ela surge nesse processo de você integrar, então lá em 97, 98, é difícil precisar, mas acho que em 97, se não me engano a gente faz a nossa primeira edição. Mas esse processo de você então... a gente fez um processo de ir integrando essas equipes muito mais por um calendário, inicialmente, então não era um planejamento muito conceitual, muito estratégico, mas: “Vamos sentar e vamos ver. O que você pretende fazer?” “Ah, vou fazer o torneio.” Então a canoagem, até por ser uma outra característica, então tinha um mundo, não à parte, mas no sentido de que, por ser uma modalidade menos tradicional e pela raia que tem aí, a garotada que estava aqui tinha condições de participar de campeonato paulista, brasileiro. Nas outras modalidades não, então era outra realidade. Às vezes tinha isso, né, o pessoal da canoagem: “Tem isso, tem aquilo.” Então foi tendo esse choque dessas realidades diferentes, então, como você equilibrar tudo isso dentro do conceito de esporte pro desenvolvimento humano. Então a gente foi se juntando muito mais, inicialmente, pelo calendário, e daí: “Então, vamos fazer um evento único.” Então daí surgiu a Olipet. Então cada modalidade organizava os seus próprios torneios e aí surge esse evento único, a Olipet. Então, num primeiro momento cada qual ia convidando os seus conhecidos, alguma coisa em comum também, de... convidava: “Ah, não, mas também tem o futebol, também tem...” mas eram... as ações começavam a engatinhar do individual pro coletivo, né. Eram modelos mais tradicionais nas primeiras edições, então, quando muito reduzia o espaço, o tempo de jogo, claro, sempre, mas fazia redução do espaço. Em 98 a gente faz no futebol um torneio mirim, garotada de 11, 12 anos com campo reduzido, pintado de verde num tom diferente, os torneios que aconteciam lá na Europa também, de garotada. Eu e um outro monitor a gente teve a experiência, por conta de um outro trabalho, viajar e ver isso, então traz pra cá. Então vai tendo essas adaptações, mas é interessante que vai essa campo de você experienciar outras coisas, integrar o grupo e quando a gente faz a

mudança das modalidades pra faixa de idade, isso foi em 2002. Em 2002 a gente não realiza a Olipet e em 2003 a gente já realiza muito nos moldes do que ela é hoje. Aí, a partir de 2003 ela ganha uma força muito grande, esse caráter de integração das modalidades não tem mais, então é mais como você caracteriza cada faixa de idade, como você faz uma competição adequada pra cada faixa de idade. E ela serve como um processo de agregador com outras instituições muito grande, então a gente faz um processo de construção coletiva, lógico que a gente traz a ideia inicial, mas essa ideia... a gente vai construindo a cada ano com as instituições participantes. Então a gente vai convidando acampamentos, escolas, ongs, clubes, tem uma participação variada aí. Se você pegar desde 2003 até agora talvez 60, 70 instituições tenham participado da Olipet. E a gente faz esse processo de construção com reuniões mensais, sempre aprimorando alguma coisa, incorporando uma sugestão. Ou, quando a gente viu que dá certo: “Ah, deu certo, vamos mudar porque a gente já viu que isso funciona, então vamos fazer uma coisa diferente.” Isso até hoje. Hoje é menos esse processo coletivo, o modelo já está consolidado, inclusive a gente lança em 2012 um caderno pedagógico focado na competição e trazendo a experiência da Olipet, então conceitualmente está muito claro. E é uma bandeira que a gente sempre defendeu, que a competição não é sinônimo de esporte de alto rendimento. A competição ela faz parte do esporte em qualquer manifestação, em qualquer nível. É mais fácil você pensar qual é a competição adequada e não reproduzir simplesmente o modelo do alto rendimento. Então sempre foi uma bandeira nossa e acho que está bem clara, todas as instituições que participaram e contribuíram tornou esse evento bem importante.

P1 – Eu queria que você falasse agora especificamente sobre esse momento em que deixa de ser PET e passa a ser PRODHE.

R – É uma transição, não é um ruptura num determinado momento, é um processo não tão longo, mas é um processo que ocorre e ele vem nessa... desde 2007 até 2009, quando se consolida, de um aceno... isso é até um pouco anterior, mas é que em 2007 vai ficando mais claro, do Instituto Ayrton Senna de que: “Olha, as universidades tem que encontrar maneiras de se virar, de como internamente se manter, a sustentabilidade.” Acho que tanto pro um processo de tempo, embora em 2002, 2004, tenha havido um processo de aumento das universidades, mas o instituto já faz convênios com essas novas universidades de uma outra maneira. Então você tem num momento uma ampliação e, três, quatro anos depois tem esse sinal, mas acho que tem o tempo das outras universidades que estão desde o começo. E o processo do terceiro setor, do crescimento do terceiro setor, da dificuldade dos recursos, das empresas começarem a montar também suas próprias fundações, seus próprios institutos, então esse recurso se torna uma competição maior por esses recursos. Então você tem de um lado as ongs com a mensagem pedagógica do 'vamos cooperar', mas pelo recurso há uma competição, né. Então esse sinal: “Olha, em algum momento pode ser que não tenha mais recurso.” E daí cada universidade foi vendo de alguma forma. A maioria dos projetos já eram projetos de extensão universitária, dentro da universidade, mas esse crescimento, esse desenvolvimento se deu por conta do apoio financeiro do instituto. Aqui, a gente sobrevive por estar no CEPEUSP, se a gente estivesse vinculado à faculdade de Educação Física o programa não chegaria talvez nem aos 10 anos. O CEPEUSP deu autonomia pra gente ir fazendo esse processo, sempre acompanhado pela direção, mais de perto ou mais distante, mas sempre acompanhado, a gente sempre foi remetendo nossos planejamentos pra direção. E sobrevive por estar aqui, por essa vinculação de parte da equipe ser funcionário da universidade e ter caído nesse prazo indeterminado. Então a gente tinha já 11, 12 anos de universidade, então a gente foi consultando as pessoas, mas... a direção, na época, deu apoio: “Não, vamos manter o programa, a gente quer manter o programa.” E quem a gente foi consultando falava: “Olha, vocês são funcionários da USP, não precisa oficializar nada. A partir do momento em que o instituto deixar de enviar o recurso, vocês estão na folha da universidade, a universidade vai ter que pagar vocês. Vindo da onde vem, a fonte...” Então foi um processo: “E aí, o que a gente faz agora?” essa dúvida dessa necessidade de se oficializar, formalizar, mas que transcorre internamente mais tranquilo, tem essa consulta, mas transcorre. E a gente vai cuidando disso, o nome, a identidade, fizemos um momento, em novembro de 2009, de um lançamento oficial, essa transição oficial pro programa. E daí você se situa, assim: “Então a equipe é essa. O que que dá pra gente fazer?” Então aí que começa a interferir nos planejamentos posteriores: “Opa, temos garantia, não precisamos estar anualmente renovando e tendo que bolar equipes mirabolantes tipo 'vamos cortar aqui, mas põe aqui, faz aqui.’” isso também era um exercício muito complicado, então você passa a ter responsabilidade maior mas sabendo que essa é a equipe que conta, é isso. E daí tem alguns ajustes também, de você... a gente aproveita pra alguns ajustes no atendimento de quantidade, do perfil, a gente passa a atender meio a meio, comunidade USP e comunidade externa, não só por ser... parte por ser agora um projeto exclusivo da universidade, mas também pelo que a gente acredita da diversidade do público, dessa segmentação que pode ser num certo prazo perigosa também, esses espaços de atendimentos muito segmentados. Então a gente mistura tudo isso e muda um pouco também o perfil do atendimento.

P1 – Marcos, fala pra mim, na prática, as atividades diárias, o que mudou quando passou a ser PRODHE, quando passou a ser encampado integralmente pela universidade?

R – Bom, na prática, pra mim, eu voltei a dar aula (risos), Desde 2000 eu tava... já não atuava diretamente com a garotada e daí, pela redução da coordenação a gente remodela. Uma coisa prática é isso, da gente garantir com os educadores o atendimento, então é legal se tiver bolsista, mas é pra formação do bolsista, isso não pode estar... ter ou não ter o bolsista não pode interferir no número do atendimento, então a gente tem que ter uma estrutura que nós vamos dar conta. Então eu, a Katia e a Suzana a gente passa a atuar no campo, somos nós. A Katia e a Suzana já tavam nessa atuação com a garotada diretamente. A gente mexe um pouco nos grupos como tava, porque tava atuando também um pouco no grupo do Peteção, o grupo mais velho, a gente vai... acho que ele ainda tava atuando em 2008, 2009, a gente faz uma transição e diminui, daí eu assumo num grupo único os mais velhos. A gente faz fazendo alguns acertos do atendimento, a gente deixa de ter... uma coisa que a gente tem que deixar de lado, que era bem bacana, que era uma participação mais nas redes externas. Então a gente participava do Fórum em Defesa da Criança e do Adolescente, da Rede Butantã, da Micro-rede São Remo, que eram organizações que daí não eram só de esportes, eram de... e a gente foca no esporte também: “Ok, vamos participar de redes, mas redes cujo tema principal seja o esporte.” A gente tenta acompanhar, até hoje a gente acompanha um pouco o que acontece, mas perde essa dimensão local tão forte. E daí o esporte a gente aprofunda no conceito de desenvolvimento esportivo, esse esporte e desenvolvimento humano a gente começa a delinear mais claramente e escrever sobre isso, olhando só o esporte. E daí, a partir disso percebendo todas as relações, é lógico que olhando só o esporte, mas a partir disso você perceber que esse impacto de desenvolvimento esportivo ao longo da vida tem relação com inúmeras coisas, então, desde o estilo de vida que a gente tem, como é que a mobilidade interfere nisso, porque que a garotada tem esse perfil hoje do jogo, do game. Inclusive há dois, três anos atrás a gente teve uma aproximação com o pessoal que lida com jogos também, aqui dentro da USP, com jogos eletrônicos também, eles trazendo isso. Tem o processo de criação do jogo, que é diferente, que você pode trazer elementos do esporte também, enfim, você vai conhecendo um pouquinho isso. Você

vai se relacionando com outras coisas, então se perde em algumas coisas e ganha em outras.

P1 – E você lembra especificamente da escolha do nome, como se deu, de onde surgiu o PRODHE?

R – São esses processos coletivos também, então você sentar, ter uma ideia, o outro tem outra, daí se você não decide no dia você: “Não, depois a gente retoma.” Aí traz outra... até tem um momento em que tem que fechar. Então eu não lembro não, mas é um pouco isso de ideias, vamo vendo, vamo vendo, o problema é que se... de repente se... é que a gente não tem tempo e já chegou numa maturidade, mas de repente até hoje a gente chegaria num ponto: “Pô, acho que não tá legal, não, vamos mudar.” Se pudesse a gente ia mexendo aí mais.

P1 – Marcos, você falou bastante sobre a trajetória do projeto, eu queria que você falasse agora da sua trajetória dentro do projeto. Você entrou como monitor, estagiário, coordenador... fala um pouco desse caminho todo.

R – Ok. Entrei como monitor, no primeiro ano eu era monitor e trabalhava com o Maykell e com o Alexandre. Depois tem o concurso em 96, eu viro educador e continuo trabalhando, o Maykell também continua. O Maykell ele passa em um outro concurso como educador do CEPEUSP mesmo e o Alexandre também. E aí a gente vai... e daí a gente não tinha mais o técnico, a gente era o educador, não tinha mais o educador do CEPEUSP, então a gente respondia totalmente pelo futebol no período da manhã. E daí tem esse processo de ir juntando, de... no período da manhã vai se reunindo, o período da tarde também, vai fazendo essas transições e esse enxugamento da equipe. Então a gente se torna uma equipe muito jovem porque permanecem muito mais esses monitores iniciais como educadores e aqueles técnica, ou seja, os educadores que eram do CEPEUSP, ou os educadores que tinham sido contratados pela especificidade da modalidade, muitos saem. Alguns permanecem, poucos, mas muitos saem nos dois primeiros anos. Então se torna uma equipe muito jovem porque quem assume toda a responsabilidade é um pessoal mais novo e com uma ou outra liderança que tenta entender melhor pra onde vai caminhar e tenta colaborar de alguma forma. E tem esse processo da articulação da equipe, em 98 eu vou lá pra num primeiro momento participar. Teve uma coisa bacana, isso acho que ajudou bastante, tinha muito encontro em São Paulo também, conceitual, tudo, então a gente sempre dava um jeito de: “Opa, então três de cada projeto.” “Mas está em São Paulo mesmo, pode ir meia dúzia?” Então a gente sempre achava um jeito de ir mais gente, sempre tentando envolver mais gente. Isso vai dando uma força maior pra equipe. E daí a gente vai pensando estruturas: “Opa, o que a gente pode ter? Precisamos ter uma coordenação. Como é que é isso?” Porque antes quem respondia era o diretor técnico do CEPEUSP. “Não, precisa mudar, tem que estar próximo, tem que analisar internamente, tudo.” E daí tem fases distintas e num determinado momento ficou eu e um outro professor que daí era mais antigo, mais velho, e também era do futebol da tarde. A gente fica como coordenador e, como eu tenho tempo porque eu trabalhei em algumas escolinhas de futebol, mas era um tempo menor, eu tenho mais disponibilidade de tempo, tem momentos em que eu inclusive trabalho de manhã e à tarde, acho que em 97, 98 eu trabalhava de manhã e à tarde. E vou tentando fazer essa ponte entre os períodos. E depois fico eu e ele como coordenador, o Torres né, a gente vai tentando montar pauta, juntar equipe, uma equipe diversa, tem pessoal da psicologia, tinha uma relação com o próprio Instituto de Psicologia, tinha a professora Henriette que também se vinculou ao programa, fazia parte. Então também eram outras ideias, você tinha que... não era fácil. Você tinha muitos assuntos administrativos, de organização e às vezes o pedagógico ficava espremido, todas as dificuldades que você vai aprendendo, vai sacando. Quando você está de um lado você tem as suas prioridades, depois você tá do outro lado, de certa forma. E depois o... então toda vez ia reconfigurando a equipe por causa desse convênio anual. E eu começo a participar mais dessa reformulação, tem boa parte que eu começo a fazer isso junto com o diretor do CEPEUSP, ir em reunião com o instituto do convênio. Depois, quando o Paulo, que era o outro coordenador, ele vai pros Estados Unidos participar de clínicas, tudo, e depois ele se desliga do projeto, aí fico mais... a gente remodela num determinado momento em 2000, 2001 pra uma equipe que tinha uma coordenação da área de psicologia, uma coordenação da pedagogia e tinha eu como coordenador da educação física. E quando a gente faz a transição de 2001 pra 2002 a gente tinha isso, três coordenadores no programa, que era o Zé, eu e a Estela e a gente fica mais responsável por fazer essa mudança, inclusive um processo difícil de enxugar a equipe mesmo porque tinha oito equipes, quatro modalidades nos dois períodos e a gente tinha que formar os grupos pela faixa de idade, com uma outra característica. Tinha muito mais gente da educação física e a ideia era trazer gente da psicologia e da pedagogia e sair... ter menos da educação física e dar uma interdisciplinaridade maior. Então tem um processo de 2001 pra 2002, a gente faz entrevistas com todo mundo explicando como é que vai ser, se a pessoa se via dentro do projeto a partir daí. Depois a gente tem que fazer a devolutiva e mandando gente embora: “Poxa, não dá, a gente está montando assim, com esse perfil.” Tem alguns casos mais simples, que a pessoa de repente já estava querendo sair, mas outras situações bem difíceis. Então esse momento marca bastante. E desde então... aí também, mesmo até 2008, 2009 a gente vai também criando equipes diferentes, você vai aos poucos dando um caráter sempre o mais coletivo possível, não tão... com uma coordenação geral, uma coisa assim. E a gente chega no modelo que está hoje, que a gente faz um planejamento e pelas ações a gente fala: “Olha, nessa ação está mais à frente fulano e ciclano, nessa outra ação...” então acaba sendo um pouco pela... como eu e a Katia estamos no atendimento, a gente cuida mais disso do atendimento e das questões que permeiam, então a Olipet, os eventos, alguma coisa. E o Maykell e a Paula ficam mais nas ações, não diria mais externas, mas alguns eventos que demandam outras características, essa questão da disseminação, da formação.

P1 – Só pra pontuar: você tinha comentado com a gente em um outro momento de um evento que você foi, acho que foi no nordeste, que você sentiu que a partir daquele momento as coisas tinham mudado. Conta pra gente como foi.

R – É, daí dentro do programa, tem o processo internamente, teve isso e daí, dentro do programa, em 98 tinha mais gente na coordenação, tinha essa divisão por modalidades, então não tinha uma clareza da coordenação, né. Em 99 já começa a ter um pouco mais, então to eu e Paula um pouco mais à frente, a gente vai lá pra Minas. E daí o programa deixa de fazer esses encontros com a garotada também e em 2000 organiza duas oficinas pra formação de educadores, daí voltada pros educadores, pra desenvolver a parte mais pedagógica do programa. Nesses encontros também tem os momentos dos coordenadores tratar das ações mais em nível de coordenação. E daí foi o primeiro encontro lá em maio de 2000, que foi em Pernambuco, que foi uma oficina de artes, mais focada na questão das artes. Daí fui eu e um estagiário, então não tinha mais ninguém, nos outros encontros tinha os outros coordenadores, os outros educadores. Lá não, aí: “Agora tem reunião da coordenação.” Aí faço eu: “Só tô eu aqui.” Então esse momento que marca um pouco isso.

P1 – Marcos, fala pra mim como funciona o programa hoje. Quantas pessoas trabalham? Quantas crianças atende? Quais são as atividades? Fala um pouquinho pra mim.

R – Ok. Nosso atendimento está por volta de cem, cento e vinte crianças, que seria a capacidade máxima, a gente tem uma novidade que a gente está absorvendo também que é... esse ano a gente passa a fazer também... o programa Brincar no CEPE, que era um outro projeto que tinha no CEPEUSP, um projeto grande com sua origem também lá nos anos 90, que era o NURI, Núcleo de Recreação Infantil, ele foi tendo mudanças também ao longo do caminho, tal. Algumas semelhantes ao nosso processo, mas ele era, desde o seu início, um projeto do CEPEUSP, não tinha essa relação de convênio, mas guardava algumas semelhanças. E esse ano a equipe e as ações desse programa passam a fazer parte do PRODHE também, então a gente está absorvendo um pouco isso de... e fazendo um processo com a equipe de como fazer essa junção aí. Daí, pensando nisso, o programa ele é constituído... tem oito pessoas atuando. E daí, de 120 do atendimento tem mais as 60 crianças de 4 a 6 anos que estão vinculadas às creches da universidade. E 120 vagas de 8 a 16 anos que é... no atendimento a gente ainda mantém o nome do Projeto Esporte e Talento, então nosso atendimento é Projeto Esporte e Talento e Projeto Brincar no CEPE. E o programa ele faz esse atendimento e outras ações. E daí são 8 pessoas, a Remédios, que é auxiliar administrativa mais sete educadores. Então a gente atua no atendimento, atua nessas relações internas, então você tem uma relação com a creche, você tem uma relação com professores da escola de Educação Física, a maior parte dessas relações vinculadas ao programa de bolsas que é o programa Aprender com Cultura e Extensão (?), então a gente tem os bolsistas, mas tem que ter um docente que é responsável. A gente tem essa relação com dois professores da escola de Educação Física. Daí os oito profissionais e mais... hoje a gente tá com seis bolsistas, inclusive começando agora, num processo todo meio do ano. É um processo que tem apresentar o projeto, tem que ser aprovado, tem a quantidade de bolsas, mas a gente tem os bolsistas também, isso historicamente. A gente chegou a ter trinta bolsistas, que era um pessoal não só da USP, mas de outras universidades, hoje a gente só tem bolsas vinculadas à própria USP. Daí a gente tem o atendimento e tem ações de formação com jovens, então mistura um pouco o atendimento com formação, a gente tem uma ação de encontros de formação de jovens, uma formação de monitoria e mediação esportiva, que são jovens que... tem aproximadamente 25 jovens, alguns são daqui e outros de outras instituições parceiras. E esses jovens, parte dessa formação é atuar nos eventos esportivos que a gente organiza como mediadores esportivos. Então na Olipet eles atuam e nos torneios que a gente realiza. A gente tem outras ações de formação, esse ano a gente tá organizando clínicas esportivas focadas em educadores, a princípio de educação física, mas não necessariamente, todo mundo que se interessar. Numa clínica a gente teve, inclusive, jovens da Fundação Gol de Letra. Então a gente tem clínicas e são clínicas que a gente vai articulando com parceiros também. A gente poderia oferecer alguma coisa mas a gente conseguiu esse ano já articular com vários parceiros e são clínicas mensais que já tem uma programação até o final do ano. Esse ano não teve, mas no passado a gente teve um curso, também é algo que a gente faz anualmente ou a cada dois anos, algum curso, também teórico-prático, na maioria das vezes. Porque o conhecimento que a gente tem ele é muito prático, ele vai da experimentação da prática pra daí você relacionar com a teoria e aperfeiçoar, então vai fazendo esse jogo da práxis aí, né. A gente organiza seminários, congressos também, esse ano a gente não tá com nenhum, mas ano passado a gente teve, ano que vem a gente tá planejando. Alguma coisa de publicação, isso é menos rotineiro, mas em 2012, por exemplo, a gente lançou o caderno pedagógico focado na questão da competição, esse ano agora a gente tem a revisão do capítulo de um livro de modalidades coletivas que já foi lançado há alguns anos, então pediram pra fazer uma atualização. Então volta e meia tem alguma coisa de produção. A gente participa de eventos fora, então esse ano a gente participou do Congresso de Alfabetização Corporal lá no Canadá. Então a gente vai atuando em várias frentes e que o máximo possível a gente procura integrá-las. Quando eu falei da Olipet, a Olipet é um evento que você no processo dela e depois você tem os parceiros envolvidos então a cada momento você reúne, você faz o congresso técnico do evento não é só pra... focado na participação da garotada, é na formação dos educadores. Então esse ano a gente fez o congresso técnico e no início teve uma fala de um professor que ele é aqui do CEU Butantã, mas ele faz parte do grupo de estudos olímpicos da Escola de Educação Física, e ele foi falar sobre os valores olímpicos, então era uma fala para os educadores, pra gente dar uma discutida e depois a gente fazer o congresso técnico do evento. A gente tem os jovens... formando jovens que vão fazer a mediação na Olipet, a gente tem a garotada que vai participar da Olipet. Esse processo da Olipet gerou uma publicação. Então são ações que a gente busca: “Ah, essa ação é de atendimento, essa ação é disso...” o máximo possível a gente busca integrá-las e aí ganha um grau de complexidade razoável.

P1 – Marcos, você falou das atuações de hoje, o que vocês fazem hoje. Eu queria que você me falasse, depois aí desses vinte anos, quais são os planos pro futuro? O que vocês pensam pro projeto?

R – A gente sempre está num momento de conversar, se aprimorar, de pensar estrategicamente algumas coisas. A gente fez um exercício recente de cenários e, ao mesmo tempo que a gente estava fazendo... olhando o passado, a gente já estava olhando pra frente também. Inclusive foi uma das coisas que eu fiz, nesses anos, foi um curso de gestão do conhecimento, que também trouxe bastante coisa interessante. Toda essa formação de administração, processamento de dados, com perfis diferentes, todo esse conhecimento deu uma mistura interessante que é bem útil hoje.

(pausa)

P1 – Vamos lá, Marcos. Você estava falando dos planos pro futuro.

R – Isso. Então, o cenário da universidade tem essa cultura de valorização dos docentes, desse plano, então, ao mesmo em que estar no CEPEUSP te dá uma autonomia, não tem essa cobrança dessa cultura universitária, da produção, tudo, e a gente lida com conhecimento que é mais prático, que é um conhecimento que normalmente não tem o mesmo valor dentro da universidade. Então a gente olha pra universidade com cautela, diz: “O que vai nos dar esse cenário?” E aí olhando pro CEPEUSP também, a gente... fisicamente até, fica isolado e dentro desses processos a gente também foi criando a nossa cultura, que é diferente da cultura do CEPEUSP também. Então essa relação não é simples, a gente tem o apoio da direção, tal, mas não é uma relação simples porque são culturas diferentes, de entender desde o esporte até as relações, a própria finalidade do CEPEUSP. Então a gente vê...

(pausa)

Então a gente sempre viu o CEPEUSP com esse potencial, não de fazer igual o que a gente faz, mas esse potencial de formação do universitário pra além do universitário vir aqui e praticar atividade física e: “O esporte é bom, a atividade física é bom, ele vai render mais” ou “Isso é importante pro estilo de vida dele.” ou “O esporte universitário.” A gente sempre viu o CEPEUSP com essa formação mesmo de que várias áreas poderiam atuar aqui, estagiários de várias áreas, nos cursos. É uma questão de organização, de como planejar isso e de gerar um conhecimento prático, não que isso não seja gerado, mas isso fica muito restrito e por outro lado a gente foi criando a nossa cultura de... embora não tenha muito diálogo interno com outras instituições, internamente, quando você está falando do mesmo espaço, é diferente do que você estar dialogando com uma instituição. É outra instituição, então eu vou entender que tem outros... dentro da mesma instituição é mais difícil, você: “Não, mais a gente pensa assim.” Então, assim, internamente a gente está nesse momento de: “Bom, e aí? Pra onde a universidade caminha? E por consequência: pra onde o CEPEUSP caminha?” Então a gente tem feito algumas coisas, tem se reunido com funcionários no Fórum de Redemocratização do CEPEUSP, então é um fórum aberto, um espaço aberto que a gente estimula, não depende da gente, a gente estimula, mas é uma coisa de todo mundo abarcar e um espaço de conversa, de diálogo, de trazer preocupações e trazer soluções criativas que todo mundo tem, e não ficar dependendo de um salvador, de um diretor que assume, de um diretor que muda, do reitor. Mas isso está muito na nossa cultura, hierarquia, tudo isso. E como a gente foi se constituindo, ao longo do tempo, com uma hierarquia de outro jeito, de um funcionamento em rede, de outra forma, às vezes isso bate de frente com outras formas. E a gente tem que entender que isso tá aí, tá colocado. E externamente a gente tem uma relação bacana, um reconhecimento, a gente podia investir também ainda mais nesse aspecto conceitual. Então hoje a gente tem feito muita coisa, mas talvez seja o momento da gente investir em questões mais estratégicas, então a gente está num momento de decidir também pra onde caminha. A gente olha os vinte anos e tenta olhar os próximos, talvez, cinco anos, pelo menos, de pra onde a gente caminha. Tem perspectivas boas, mas precisamos ser mais estratégicos pra aprofundar, pra não ficar só na superficialidade, pra poder aprofundar algumas questões. Isso também decorre das mudanças pessoais. Em vinte anos... uma coisa era quando a gente era recém-formado, uma equipe jovem, todo mundo recém-formado. E hoje já tá todo mundo com família, é outro ritmo também, outras coisas que vão surgindo, então aquela velha questão: “Não, quando eu tiver a sua idade eu não vou fazer isso.” isso vai mudando, as suas prioridades de vida vão mudando e como é que isso vai se articulando que eu acho que é o desafio. Então, como articular tudo isso... e não segmentar também: “Ah, essa é minha vida pessoal, essa é a minha vida profissional.” não, como é que isso se articula? Eu penso muito nisso, como é que isso se articula?

P1 – Agora indo pra essa parte da articulação aí, da família. Você é casado, Marcos?

R – Sim

P1 – Qual o nome da sua esposa?

R – Augusta.

P1 – Como vocês se conheceram?

R – A gente se conheceu na igreja.

P1 – Fala pra gente como foi essa história aí.

R – A gente se conheceu em 99, numa igreja perto de casa, uma igreja presbiteriana. Na verdade eu conheci primeiro uma irmã mais velha dela e depois fui conhecendo a família, conhecendo. A gente namorou oito anos e depois tivemos um filho, temos um filho.

P1 – Qual o nome dele?

R – Natan Vinícius. É isso, você vai... as pequenas coisas da vida, as escolhas que você vai fazendo, como as coisas vão caminhando, as coisas que você faz mais as coisas que você faz junto com os outros, não são só as coisas individuais, são as coisas que você faz junto. Então a gente foi se conhecendo, se conhecendo e...

P1 – O que a sua esposa faz?

R – Ela... hoje ela é uma consultora de produtos de beleza. A gente até fez uma opção, ela trabalhava como recepcionista e quando a gente teve o Natan a gente até... por uma questão de olhar como o mundo é, como as coisas são, uma opção de: “Opa, vamo cuidar.” de estar mais próximo, de não, de início, já colocar numa creche, numa escolinha. Isso foi possível, foi uma escolha, até também... isso eu sempre fui fazendo, hoje a minha vinculação aqui também é 30 horas, então eu poderia fazer outras coisas, eu opto por não fazer. Então a sexta-feira eu tenho livre, meu final de semana é prolongado. Se as condições financeiras e por estilo de vida também. Então ele ficou os três primeiros anos, cuidando, depois entrou na escola, meio período. E daí ela... e lógico que ela também quer fazer uma outra coisa, então ela foi tentando, fez um pouquinho de artesanato, fui fazer junto, pintava umas caixinhas junto com ela, fazia algumas coisas. Depois agora ela teve essa proposta esse ano disso, de ser consultora, e tá fazendo. Vai apoiando, mas...

(pausa)

P1 – Bom, Marcos, fala pra mim com quantos anos o Natan está agora e se ele gosta de praticar algum esporte, se você já colocou ele pra praticar algum esporte.

R – Ok. O Natan ele tá com cinco anos, vai fazer seis em novembro. Ele tá fazendo judô, ele gosta, já fez um pouquinho de natação, mas dentro desse quadro aí da garotada ele tem um pouco de alergia, sinusite, daí com essa variação de temperatura na natação ele... fez dois, três meses,

ficou mal e a gente tirou. Depois a gente colocou no judô perto de casa. Tem uma questão também que eu não tenho carro, então você perde um pouquinho da mobilidade, então tem que diminuir as opções um pouco das coisas, então você tem que lidar com algumas opções mais próximas, mas tem outros ganhos aí também. Então ele tá fazendo judô desde o começo do ano, tá gostando, tá na faixa branca, já foi uma faixa. São estímulos, né, só pra ir motivando, mas tá gostando, não é ainda, acho que também não é a idade de... na verdade se eu for assistir futebol ele quer mais que mude pra poder assistir o desenho do que: “Ó, o futebol.” ou qualquer outra coisa. Esses dias eu estava assistindo o Pan: “Ó, mais e o judô?” “Ah, quero ver meu desenho.” (risos) então acho que isso. Mas ele é bem ativo, então a gente, por conta até do transporte, caminha muito, anda de ônibus, metrô, vai pra escola a pé, volta a pé. A gente tem espaço em casa, a gente pensou isso também, de em casa facilitar o máximo possível de correr, de... tem o quintal, então ele sempre está fazendo alguma coisa. Tem um bom nível de atividades.

P1 – E você, Marcos, o que gosta de fazer quando não está trabalhando?

R – De atividade esportiva eu faço mais a bicicleta ergométrica, tem em casa, faço mais em casa. Até to indo na academia agora, mas porque a Augusta estava fazendo, e daí ela tá com um problema no quadril, é só pra não perder o restante do tempo. Eu vou, não é um ambiente que me agrada não, então eu faço mais em casa uma atividade. Gosto muito de ler, to sempre com um.. lendo bastante, livros, bastante história em quadrinhos, bastante cds, gosto muito de assistir filmes também. Então eu sou mais caseiro que... guardando essa característica ao longo da vida aí também. Então são esses hobbies mais caseiros aí.

P1 – E qual o seu maior sonho de realização pessoal?

R – Eu não tenho um sonho muito concreto no sentido de ter alguma coisa. Acho que tem uma coisa da simplicidade, de uma vida mais simples. Meu sonho é esse, do quanto poder ser mais simples, acho que a qualidade das relações ela tem sido ruim, então quanto ser mais simples pode melhorar essa qualidade, entendeu? Então esse sonho é pessoal, mas não depende... é claro que depende de você, mas de relação são as outras pessoas, então o quanto a vida puder ser mais simples. Não sei se todo... (risos), mas se fosse traduzir seria esse sonho.

P1 – E, pra finalizar, eu queria que você falasse pra gente o que você achou de contar um pouco da sua história.

R – Bacana. Você vai pensando, você vai... é isso, quando você vai externalizar alguma coisa você... é lógico que não é tão... a entrevista tem um pouco isso, né, você não sabe o que vai ser, mas sabe que vai ser uma entrevista, então você vem um pouco preparado, mas o quanto você se dispõe também a, na hora, deixar fluir. Então eu procurei fazer isso e acho que você vai articulando o pensamento. A palavra também está muito presente, cada vez mais presente, eu fico com isso na cabeça, assim, o quanto a gente consegue articular as coisas e não deixar separado. Então articular as pessoas, articular a fala no sentido, não de: “Vou articular pra torná-la mais pomposa.” mas articular porque, poxa... em dar sentido, articular que sentido que as coisas vão tendo, como é que eu vou percebendo toda essa história e essa história vai se articulando e vai fazendo um sentido.

Pra mim.

P1 – Então, tá certo, Marcos. Em nome do Museu da Pessoa e daqui do PRODHE eu agradeço muito a sua participação.

R – Opa.